

# Revisão de 'Seeing Things as They Are: a Theory of Perception' (Vendo as Coisas como são: uma Teoria da Percepção) (2015) (revisão revisada 2019)

Michael Starks

## Abstrata

Como tantas vezes na filosofia, o título não só estabelece a linha de batalha, mas expõe os preconceitos e erros do autor, pois se podemos ou não entender o jogo de linguagem 'Ver as coisas como elas são' e se é possível ter uma "teoria filosófica" de percepção" (que é Pode ser sobre como a linguagem da percepção funciona), ao contrário de uma científica, que é uma teoria sobre como o cérebro funciona, são exatamente os problemas. Este é o Searle Classic, excelente e provavelmente pelo menos tão bom quanto qualquer um pode produzir, mas sem uma compreensão completa das ideias fundamentais do Wittgenstein posterior e sem entender os dois sistemas-quadro de pensamento, que poderia ter feito brilhante. Como em seu trabalho anterior, Searle evita em grande parte a ciência, mas há lapsos frequentes e não entende que problemas são sempre sobre jogos de idiomas, uma falha que ele compartilha com quase todos. Depois de fornecer uma estrutura composta por uma Mesa de Intencionalidade baseada nos dois sistemas de pensamento e pensamento e pesquisa de decisões, faço uma análise detalhada do livro.

Aqueles que querem uma estrutura completa até o momento para o comportamento humano do ponto de vista moderno de dois sistemas podem consultar meus livros Talking Monkeys 3rd ed (2019), Estrutura Lógica da Filosofia, Psicologia, Mente e Linguagem em Ludwig Wittgenstein e John Searle 2ª ed (2019), Suicide Pela Democracy 4ª ed (2019), The Logical Structure of Human Behavior (2019), The Logical Structure of Consciousness (2019), Understanding the Connections Between Science, Philosophy, Psychology, Religion, Politics and Economics (2020) e Illusions Utopias Suicidas no Século 21 6ª ed (2020), Observações sobre Impossibilidade, Incompletude, Paraconsistência, Indecidibilidade, Aleatoriedade, Computação, Paradoxo e Incerteza em Chaitin, Wittgenstein, Hofstadter, Wolpert, Doria, da Costa, Godel, Searle, Rodych Berto, Floyd, Moyal-Sharrock e Yanofsky (2019) e outros.

Como em Wittgenstein (daqui a frente W), tudo o que Searle (daqui para frente S) escreve é um tesouro e é maravilhoso que ele permaneça afiado à medida que se aproxima dos anos 80. Ao contrário da maioria, até mesmo seu trabalho inicial permanece relevante e ele está trabalhando em vários outros livros. Sugiro também suas mais de 100 palestras e entrevistas no youtube, vimeo, etc., que, embora inevitavelmente um pouco repetitivos, contêm muitas declarações que não estão em seus escritos. Li a maior parte do trabalho dele, e ouvi todas as palestras, a maioria delas 2 ou 3 vezes. Estes são de particular interesse como (como Wittgenstein) que não lê das notas, então cada um é único e não uma réplica de um papel, e é um excelente alto-falante fora do tempo que usa principalmente linguagem desprezível (ambas tão diferentes da maioria dos outros). Palestras recentes dadas nas Universidades Europeias são magníficas, mas não percas as antigas como a conferência da BBC "A Changing Reality, the Science of Human Behavior", que dá um excelente relato de por que causalidade legítima e sistema repetitivo automático cerebral, não linguístico 1 (S1) é fundamentalmente diferente e não notável da mesma forma que a complexidade ilimitada de razões que caracterizam o lento sistema deliberativo, consciente da linguagem 2 (S2), que gera uma explosão combinatória não geralmente representativa de forma útil pelas leis científicas. O método de sistema duplo (S1, S2) de descrever o pensamento usado nesta revisão, comum à pesquisa de raciocínio por cerca de 20 anos, é meu e não de Searle. Desde que escrevi recentemente um artigo de 75p analisando o trabalho de Searle em comparação com o de Wittgenstein (A Estrutura Lógica da Filosofia, Psicologia, Mente e Linguagem, como revelado por Ludwig Wittgenstein e John Searle) eu não vou repeti-lo e Vou repetir a concentração apenas neste livro.

Primeiro, vamos lembrar da descoberta fundamental de Wittgenstein (W) - que todos os problemas verdadeiramente "filosóficos" (ou seja, aqueles não resolvidos por experimentos ou coleta de dados) são os mesmos: confusões sobre como usar a linguagem em um contexto e, portanto, todas as soluções são as mesmas: examinar como a linguagem

pode ser usada no contexto em questão para que suas condições de verdade (Condições de Satisfação ou COS, termo não utilizado por W e popularizado principalmente por S) ser claro. O problema básico é que se pode dizer qualquer coisa, mas não pode significar (indicar COS claro para) qualquer expressão arbitrária e significado só é possível em um contexto muito específico. Assim, W em sua última obra-prima 'On Certainty' (OC) analisa exemplos perspicuosos dos vários usos das palavras 'know', 'doubt' e 'certain', muitas vezes de suas 3 perspectivas típicas de narrador, interlocutor e comentarista, deixando o leitor decidir o melhor (o COS mais claro) das frases em cada contexto. Apenas os usos de frases relacionadas podem ser descritos e isso é o fim disso: sem profundidades ocultas, sem ideias metafísicas. Não há 'problemas' de 'percepção', 'consciência', 'vontade', 'espaço', 'tempo', etc., mas apenas a necessidade de manter o uso (COS) dessas palavras claras. É útil considerar dois comentários W que resumem a ciência.

"A confusão e a esterilidade da psicologia não devem ser explicadas chamando-a de "ciência jovem"; seu status não é comparável ao da física, por exemplo, em seus primórdios. (Mais como certos ramos da matemática. Teoria do todo.) Porque na psicologia há métodos experimentais e confusão conceitual. (Como no outro caso, a confusão conceitual e os métodos de teste). A existência do método experimental nos faz pensar que temos os meios para resolver os problemas que nos incomodam; embora o problema e o método aconteçam uns com os outros. Wittgenstein (PI p.232)

"Os filósofos veem constantemente o método da ciência diante de seus olhos e são irresistivelmente tentados a fazer e responder perguntas do jeito que a ciência faz. Essa tendência é a verdadeira fonte da metafísica e leva o filósofo a completar a escuridão." (BBB p18).

Mais do que a maioria, S evita a ciência, mas há lapsos frequentes que eu aponte em minhas muitas críticas de seu trabalho e, apesar de ser talvez o melhor filósofo de todos os lugares desde W, ele não percebe que estes são jogos de linguagem, um fracasso que ele compartilha com quase todos.

Como tantas vezes na filosofia, o título não só estabelece a linha de batalha, mas expõe os preconceitos e erros do autor, pois se podemos ou não entender o jogo de linguagem "Ver as coisas como elas são" e se é possível ter uma "teoria filosófica" de percepção, que só pode ser sobre como a linguagem da percepção funciona, ao contrário de uma científica, que é uma teoria sobre como o cérebro funciona, são exatamente os problemas. A legenda (Uma Teoria da Percepção) é igualmente controversa (pelo menos para os wittgensteinianos) uma vez que W alertou repetidamente contra a teorização e até insistiu que era impossível produzir teorias sobre comportamento, já que todos concordariam com eles, ou seja, seriam truísmos sobre o nosso uso da linguagem. Qualquer coisa que pareça uma teoria do pensamento de maior ordem (mente, comportamento) é realmente apenas uma descrição do que fazemos, a menos, é claro, que eles estejam cometendo o erro quase universal de dar uma teoria científica de como o cérebro ou o mundo funciona, um tipo diferente de "filosofia" completamente, ou seja, "Cientismo". Searle está bem ciente disso e já comentou sobre isso muitas vezes, insistindo que W está errado sobre teorias, mas eu acho que não. Apenas a ciência tem teorias, ou seja, proposições que podem ser mostradas verdadeiras ou falsas e muitas vezes novas evidências nos levam a mudá-las ou mesmo abandoná-las, enquanto a própria filosofia (a elucidação em um determinado contexto de um jogo de linguagem descrevendo nosso comportamento de ordem superior) obviamente estará correta e não está sujeita a revisão, uma vez que todos nós a reconhecemos como verdadeira, ou seja, como um uso correto da linguagem. Mas se S quer chamar suas generalizações sobre o uso da linguagem de "teorias" tudo bem, desde que não nos desviem. Eu cobri essas questões em profundidade em meus outros escritos e, em particular, minha revisão de "A Opacidade da Mente" de Carruthers.

É muito útil ler o pequeno volume 'Neurociência e Filosofia' onde Searle, Dennett e Bennett e Hacker têm um sobre o outro sobre quais jogos de idioma devem ser jogados. Bennett e Hacker deram a exposição mais detalhada desses jogos em 'Philosophical Foundations of Neuroscience' (2003), que continua nos últimos 3 volumes de Hacker sobre a

natureza humana.

W insistiu que não há novas descobertas a serem aplicadas na filosofia, nenhuma explicação para dar, mas apenas descrições claras de comportamento (linguagem) em um contexto particular. Uma vez que se entende que todos os problemas são confusão sobre como a linguagem funciona, estamos em paz e filosofia no sentido de que W alcançou seu propósito. Como W e S apontaram, há apenas uma realidade, então não há múltiplas versões da mente ou vida ou mundo que possam ser dadas significativamente, e só podemos nos comunicar em nossa língua pública. Não pode haver linguagem privada e qualquer "pensamento interno privado" não pode ter qualquer papel em nossa vida social. Também deve ser muito fácil resolver problemas filosóficos nesse sentido. "Agora, se não são as conexões causais que nos preocupam, então as atividades da mente estão abertas diante de nós." Wittgenstein "O Livro Azul" p6 (1933). Em nosso idioma moderno, a percepção é o automático, causalmente auto-reflexivo (Searle), estados mentais rápidos, apenas verdadeiro (Searle) do Sistema 1 (S1), enquanto a maioria do que 'más' pela 'mente' são as disposições deliberada, lenta e fundamentada com representações verdadeiras ou falsas (condições de satisfação - COS) do Sistema 2 (S2).

Searle espera até p45 para apresentar a versão mais recente de uma mesa que você já usou antes. Venho expandindo há alguns anos e, como acho fundamental entender o comportamento, começo apresentando sua versão mais recente aqui. De acordo com o trabalho de W e a terminologia de Searle, classifico as representações do S2 como Condições Públicas de Satisfação (COS) e, nesse sentido, os "fenômenos" do S1 como percepções não têm COS. Em outros escritos, Searle diz que sim, mas como indicado em minhas outras revisões, acho que é essencial se referir ao COS1 ("submissões privadas") e COS2 (representações públicas). Da mesma forma, mudei sua "Direção de Ajuste" para "Causa Originada" e sua "Direção da Causa" para "Causa Mudanças".

Depois de meio século no esquecimento, a natureza da consciência é agora o assunto mais quente em ciências comportamentais e filosofia. Começando com o trabalho pioneiro de Ludwig Wittgenstein na década de 1930 (os Blue and Brown Books) até 1951, e da década de 1950 até o presente por seus sucessores Searle, Moyal-Sharrock, Read, Hacker, Stern, Horwich, Winch, Finkelstein, etc., criei o que seguir como heurística para promover este estudo. As linhas mostram vários aspectos ou formas de estudo e as colunas mostram os processos involuntários e comportamentos voluntários que compõem os dois sistemas (processos duplos) da Estrutura Lógica da Consciência (LSC), que também podem ser considerada como a Estrutura Lógica da Racionalidade (LSR-Searle), Comportamental (LSB), Personalidade (LSP), Mente (LSM), Linguagem (LSL), Realidade (LSOR), Intencionalidade (LSI) - o termo filosófico clássico, a Psicologia Descritiva de Consciência (DPC), a Psicologia do Pensamento (DPT) – ou melhor, a Linguagem da Psicologia Descritiva do Pensamento (LDPT), termos introduzidos aqui e em meus outros escritos muito recentes.

Farei comentários mínimos aqui, pois aqueles que querem mais descrições podem conferir meus artigos e comentários de Wittgenstein, Searle e outros livros sobre academia.edu, philpapers.org, researchgate.net, vixra.org e versões abreviadas na Amazon.

As ideias neste gráfico se originaram do trabalho de Wittgenstein, uma mesa muito mais simples de Searle, e correlaciona-se com extensas tabelas e gráficos nos três livros recentes do Hacker de P.M.S sobre natureza humana. As últimas 9 linhas vêm principalmente da investigação de tomada de decisão de Johnathan St. B.T. Evans e seus colegas, revisadas por mim mesmo.

(Regras involuntárias-automáticas R1) Pensamento (Cognição) (Sem lacunas) (Regras voluntárias-deliberativas-R2)  
Dispostas (Volição) (3 lacunas)

## DA ANÁLISE DE JOGOS DE LINGUAGEM

	Disposição*	Emoção	Memória	Percepção	Desejo	PI **	IA ***	Ação/ palavra
Causa origina de ****	Mundo	Mundo	Mundo	Mundo	Mente	Mente	Mente	Mente
Faz com que as alterações em *****	Nenhum	Mente	Mente	Mente	Nenhum	Mundo	Mundo	Mundo
Causalmente auto reflexivo *****	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
Verdadeiro ou falso (testável)	Sim	T apenas	T apenas	T apenas	Sim	Sim	Sim	Sim
Condições públicas de satisfação	Sim	Sim/Não	Sim/Não	Não	Sim/Não	Sim	Não	Sim
Descrever Um estado mental	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Sim/Não	Sim
Prioridade evolutiva	5	4	2, 3	1	5	3	2	2
Conteúdo voluntário	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Iniciação voluntária	Sim/Não	Não	Sim	Não	Sim/Não	Sim	Sim	Sim
Sistema cognitivo *****	2	1	2/1	1	2 / 1	2	1	2
Alterar intensidade	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Não
Duração precisa	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Sim
Tempo, lugar (H + N, T + T) aqui e agora, lá e depois *****	TT	HN	HN	HN	TT	TT	HN	HN
Qualidade especial	Não	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Não
Localizado no corpo	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim
Expressões corporais	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
Auto-contradições	Não	Sim	Não	Não	Sim	Não	Não	Não
Precisa de um self	Sim	Sim/Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não
Precisa de linguagem	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim/Não

## DA PESQUISA DE DECISÃO

	Disposição*	Emoção	Memória	Percepção	Desejo	PI **	IA ***	Ação/ palavra
Efeitos subliminares	Não	Sim/Nao	Sim	Sim	Não	Não	Não	Sim/Não
Associativo/ baseado em regras	RB	A/RB	A	A	A/RB	RB	RB	RB
Dependente de contexto/ Abstrata	A	CD/A	CD	CD	CD/A	A	CD/A	CD/A
Serial/paralelo	S	S/P	P	P	S/P	S	S	S
Heurística Analítica	A	H/A	H	H	H/A	A	A	A
Precisa de memória de trabalho	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Dependente da inteligência geral	Sim	Não	Não	Não	Sim/Não	Sim	Sim	Sim
O carregamento cognitivo inibe	Sim	Sim/Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
Exitacao facilita ou inibe	I	F/I	F	F	I	I	I	I

Condições públicas de satisfação de S2 são muitas vezes referidas por Searle e outros como COS, representações, verdadeiros ou significados (ou COS2 por mim), enquanto os resultados automáticos de S1 são designados como apresentações por outros (ou COS1 por mim).

\* Aka Inclinações, Capacidades, Preferências, Representações, possíveis ações etc.

\*\* Intenções prévias de Searle

\*\*\* Intenção em ação de Searle

\*\*\*\* Direção de ajuste da Searle

\*\*\*\*\* Direção de Causação de Searle

\*\*\*\*\* (estado mental instancia - causa ou cumpre a si mesmo). Searle antigamente chamava isso de causalmente auto-referencial.

\*\*\*\*\* Tversky / Kahneman / Frederick / Evans / Stanovich definiram sistemas cognitivos.

\*\*\*\*\* Aqui e agora ou lá e então

É interessante comparar isso com as várias tabelas e gráficos nos últimos 3 volumes de Peter Hacker sobre a natureza humana. Deve-se sempre levar em conta a descoberta de Wittgenstein de que tendo descrito os possíveis usos (significados, verdade, condições de satisfação) da linguagem em um contexto particular, nós esgotamos seu interesse, e tentativas de explicação (ou seja, filosofia) só nos leva mais longe da verdade. Ele nos mostrou que há apenas um problema filosófico — o uso de frases (conjuntos de linguagem) em um contexto inadequado e, portanto, apenas uma solução — que mostra o contexto correto.

TABELA = EXPLICAÇÕES Sistema 1 (ou seja, emoções, memória, percepções, reflexões) quais partes do cérebro apresentam consciência, são automatizadas e geralmente ocorrem em menos de 500mseg, enquanto o Sistema 2 é capaz de realizar ações deliberativas lentas que estão representadas na deliberação consciente (terminologia S2D-my) que requer mais de 500mseg, mas ações Repetidas de S2 muitas vezes também podem se tornar terminologias automatizadas (S2A-mi). Há uma gradação da consciência do coma através dos estágios do sono até a consciência plena. A memória inclui memória de curto prazo (memória de trabalho) do sistema 2 e memória de longo prazo do sistema 1. Por volições, normalmente se diria que são bem sucedidos ou não, em vez de surdos verdadeiros. S1 é causalmente auto-reflexivo desde a descrição de nossa experiência perceptiva — a apresentação de nossos sentidos à consciência, só pode ser descrita nas mesmas palavras (como o mesmo COS - Searle) como descrevemos o mundo, que prefiro chamar de perceptual ou COS1 para distingui-lo da representação pública ou COS2 de S2.

Claro, as várias linhas e colunas estão conectadas logicamente e psicologicamente. Por exemplo, Emoção, Memória e Percepção na linha True ou False será True-Only (verdade so), descreverá um estado mental, pertencerá ao sistema cognitivo 1, geralmente não começará voluntariamente, são causalmente auto-reflexivos, a causa se origina no mundo e causa mudanças na mente, ter uma duração precisa, mudança de intensidade, ocorrer aqui e agora, comumente têm uma qualidade especial, não precisam de linguagem, são independentes da inteligência geral e da memória de trabalho, não sejam inibidas pela carga cognitivo, não terá conteúdo voluntário, e não terá condições públicas de satisfação, etc.

Sempre haverá ambiguidades porque palavras (conceitos, jogos linguísticos) não podem coincidir com precisão as funções complexas reais do cérebro (comportamento), ou seja, há uma explosão combinatória de contextos em frases e estados do cérebro), e é por isso que não é possível reduzir o comportamento de maior ordem a um sistema de leis, que teria que expor todos os contextos possíveis, daí os avisos de Wittgenstein contra teorias. Este é um caso especial da irredutibilidade das descrições de alto nível para as de nível inferior que tem sido explicada muitas vezes por Searle, Daniele Moyal-Sharrock (DMS), P.M.S. Hacker, Wittgenstein e outros.

Cerca de um milhão de anos atrás, primatas desenvolveram a capacidade de usar seus músculos da garganta para fazer séries complexas de ruídos (ou seja, fala primitiva) para descrever eventos atuais (percepções, memória, ações reflexivas) com alguns Jogos de Língua Primária ou Primitiva (PLGs). O Sistema 1 consiste em estados mentais rápidos, automatizados, subcorticados, não representativos, causadores, intransitivos e intransitivos, apenas um dia com um tempo e localização precisos, e com o tempo evoluiu para centros corticais S2 superiores com a outra capacidade de descrever os movimentos no espaço e tempo dos eventos (passado e futuro e muitas vezes hipotético, contrafactual, condicional ou preferências fictícias, inclinações ou arranjos - os Jogos de Sistema 2 Linguagem Secundária ou Sofisticada (SLG) que são lentas, corticárias, conscientes, informações que contêm, transitivas (que têm condições públicas de satisfações – termo de Searle para a veracidade ou significado que eu divido em COS1 e COS2 para privado S1 e S2 público), representante (que novamente se divide em R1 para representações S1 e R2 para S2), pensamento proposicional verdadeiro ou falso, com todas as funções de S2 sem tempo preciso e ser habilidades e não estados mentais. As preferências são Intuições, Tendências, Regras Ontológicas Automáticas, Comportamentos, Habilidades, Módulos Cognitivos, Traços de Personalidade, Modelos, Motores inferências, Inclinações, Emoções (descritas por Searle como desejos agitados), Propostas (corrigir somente se utilizadas para se referir a eventos no mundo e não a proposições), Avaliações, Capacidades, Hipóteses. Algumas emoções estão lentamente se desenvolvendo e mudando os resultados das disposições S2 (W- 'Comentários sobre a Filosofia da Psicologia' V2 p148), enquanto outras são típicas s1: automática e rápida para aparecer e desaparecer. "Eu acredito", "amor", "acho" são descrições de possíveis eventos públicos tipicamente deslocados no espaço-tempo. Minhas declarações em primeira pessoa sobre mim só são verdadeiras (excluindo a mentira) – isto é, S1, enquanto as declarações em terceira pessoa sobre os outros são verdadeiras ou falsas – isto é, S2 (veja meus comentários sobre Johnston 'Wittgenstein: repensando o interior' e sobre a filosofia da psicologia de Budd Wittgenstein').

Wittgenstein (W) descreveu claramente "preferências" como uma classe de estados intencionais - contrários a percepções, atos reflexivos e memórias - na década de 1930 e foram chamados de "inclinações" ou "disposições". Comumente chamados de "atitudes proposicionais" desde Russell, mas muitas vezes tem sido observado que esta é uma frase incorreta ou enganosa, uma vez que ele acreditava, finge, sabe, lembra, etc., muitas vezes não são proposições ou atitudes, como tem sido mostrado, por exemplo, por W e Searle (por exemplo, cf. *Consciência e Linguagem* p118).

As preferências são representações públicas intrínsecas e independentes de observadores (ao contrário de apresentações ou representações do Sistema 1 ao Sistema 2 – Searle - *Consciência e Linguagem* P53). São atos potenciais deslocados no tempo ou no espaço, enquanto as percepções evolutivamente mais primitivas do S1 e as ações reflexivas estão sempre aqui e agora. Esta é uma maneira de caracterizar o Sistema 2 - o segundo grande avanço na psicologia vertebrada após o Sistema 1 - a capacidade de representar (COS público estadual para) eventos e pensar que eles ocorrem em outros lugares (terceiro corpo docente de imaginação complementando cognição e volição). S1 'thoughts' (meu T1 – ou seja, o uso do "pensamento" para se referir aos processos cerebrais automáticos do sistema um) são estados mentais potenciais ou inconscientes do S1 --Searle-- *Phil Issues* 1:45-66 (1991).

Percepções, memórias e ações reflexivas (automáticas) podem ser descritas pelo LG primário (PLG-- por exemplo, eu vejo o cão) e não há, no caso normal, NENHUM TESTE POSSÍVEL para que eles possam ser verdadeiros, apenas, axiomáticos como eu prefiro ou reflexos animais como W e DMS descrevem. As disposições podem ser descritas como LG secundária (SLG – por exemplo, acho que vejo o cachorro) e elas também devem ser agidas, mesmo para mim no meu próprio caso (ou seja, como eu sei o que eu penso, acho, sinto até agir ou algum evento acontecer – ver minhas opiniões dos livros conhecidos em W por Johnston e Budd. Note-se que as disposições se tornam ações quando faladas ou escritas, bem como atuando de outras formas, e essas ideias são devidas a Wittgenstein (meados da década de 1930) e não são comportamentais (Hintikka & Hintikka 1981, Searle, Hacker, Hutto, etc.). Wittgenstein pode ser considerado o fundador da psicologia evolutiva e seu trabalho uma pesquisa única sobre o funcionamento de nossa psicologia axiomática do Sistema 1 e sua interação com o Sistema 2. Depois que Wittgenstein lançou as bases para a Psicologia Descritiva de Pensamento de Maior Ordem nos Livros Azuis é da década de 1930, foi expandido por John Searle, que fez uma versão mais simples deste gráfico em seu livro clássico *Rationality in Action* (2001). Ele expande o estudo de W sobre a estrutura axiomática da psicologia evolutiva desenvolvida a partir de seus primeiros comentários em 1911 e tão lindamente estabelecido em seu último trabalho 'On Certainty' (OC) (escrito em 1950-51). OC é a pedra angular do comportamento ou epistemologia e ontologia (provavelmente o mesmo que semântica e pragmático), lingüismo cognitivo ou pensamento de maior ordem, e na minha opinião (compartilhado, por exemplo, pelo DMS) o trabalho mais importante na filosofia (psicologia descritiva) e, portanto, no estudo do comportamento. Percepção, Memória, Ações Reflexivas e Emoção são estados mentais subcorticais primitivos, que podem ser descritos no PLG, no qual a mente se encaixa automaticamente (apresenta) o mundo (é Causalmente Auto-Reflexivo---Searle) - a base axiomática inquestionável e verdadeira da racionalidade sobre a qual nenhum controle é possível).

Preferências, Desejos e Intenções são descrições de habilidades voluntárias de consciência lenta, que podem ser descritas no SLG's, em que a mente tenta se encaixar (representar) o mundo. O comportamento e todas as outras confusões de nossa psicologia descritiva padrão (filosofia) surgem porque não podemos ver o S1 funcionar e descrever todas as ações como as ações deliberações conscientes do S2 (*A Ilusão Fenomenológica – TPI – Searle*). W entendeu e descreveu-o com clareza incomparável com centenas de exemplos de linguagem (a mente) em ação ao longo de suas obras. A razão tem acesso à memória e, portanto, usamos razões conscientemente aparentes, mas muitas vezes incorretas para explicar o comportamento (os dois seis ou sistemas ou processos da investigação atual). Crenças e outras disposições podem ser descritas como pensamentos que buscam combinar com os fatos do mundo (mente com a direção mundial do ajuste), enquanto volições são intenções de agir (Intenções Anteriores – PI ou Intenções em Ação-IA-Searle) mais atos que lidam com o mundo com pensamentos – a direção de ajuste do mundo para a mente – cf. Searle, por exemplo, *Consciência e Linguagem* p145, 190).

Às vezes, há lacunas no raciocínio para chegar à crença e outras disposições. Palavras de disposição podem ser usadas

como substantivos que parecem descrever estados mentais ('meu pensamento é...') ou como verbos ou adjetivos para descrever habilidades (agentes como agem ou podem agir -'eu acho...') e muitas vezes são incorretamente chamados de "Atitudes Proposicional".

Percepções se tornam Memórias e nossos programas inatas (módulos cognitivos, modelos, motores de inferência S1) usá-los para produzir Disposições — (acredite, entenda, entenda, pense, etc.), -atos públicos reais ou potenciais como o linguagem (pensamento, mente) também chamada inclinações, preferências, capacidades, representações de S2) e Volicion - e não há linguagem (conceito, pensamento) de estados mentais privados para pensar ou estar disposto (ou seja, sem linguagem privada, pensamento ou mente). Animais superiores podem pensar e agir e até lá ter uma psicologia pública. Percepções: (X é verdade): Ouça, Vista, Cheiro, Dor, Toque, Memórias de Temperatura, Lembre-se : (X era verdade)

PREFERÊNCIAS, INCLINAÇÕES, DISPOSIÇÕES: (X pode se tornar verdadeiro)

CLASSE 1: ATOS PÚBLICOS PROPOSITIVOS (Verdadeiros ou Falsos): Acreditar, Julgar, Pensar, Representar, Compreender, Escolher, Decidir, Preferir, Interpretar, Saber (incluindo habilidades e habilidades), Participar (Aprender), Experimentar, Significar, Lembrar, Intencionar , Considerando, Desejando, Esperando, Desejando, Querendo, Esperando (uma classe especial), Vendo como (Aspectos),

CLASSE 2: MODO DESAPARECIDO- (como se condicional, hipotético, fictício) - Sonhando, Imaginando, Mentindo, Prevendo, Duvidando

CLASSE 3: EMOÇÕES: Amar, odiar, temer, tristeza, alegria, ciúme, depressão. Sua função é modular as Preferências para aumentar a adequação inclusiva (utilidade máxima esperada), facilitando o processamento de informações de percepções e memórias para ação rápida. Existe alguma separação entre as emoções S1, como raiva e medo, e S2, como amor, ódio, repulsa e raiva. Podemos pensar neles como desejos fortemente sentidos ou representados.

DESEJOS: (quero que X seja verdadeiro - quero mudar o mundo para caber em meus pensamentos): Saudade, esperança, expectativa, espera, necessidade, exigência, obrigada a fazer

INTENÇÕES: (tornarei X verdadeiro)

AÇÕES (Estou fazendo X Verdadeiro): Atuar, Falar, Ler, Escrever, Calcular, Persuadir, Mostrar, Demonstrar, Convencer, Fazer Tentativas, Tentativas, Rir, Brincar, Comer, Beber, Chorar, Afirmar (Descrever, Ensinar, Prever, Relatórios), Prometendo, Criando ou Utilizando Mapas, Livros, Desenhos, Programas de Computador - estes são Públicos e Voluntários e transferem Informações para outras pessoas, para que dominem os reflexos S1 Inconsciente, Involuntário e Sem Informação nas explicações do comportamento (The Phenomenological Illusion, The Blank Slate ou o Modelo Padrão de Ciências Sociais - SSSM).

Palavras expressam ações que têm várias funções em nossas vidas e não são os nomes de objetos ou um único tipo de evento. As interações sociais dos seres humanos são regidas por módulos cognitivos, mais ou menos equivalentes a roteiros ou esquemas de psicologia social (grupos de neurônios organizados em mecanismos de inferência), que, com percepções e memórias, levam à formação de preferências que levam a intenções e, em seguida, ações. Intencionalidade ou psicologia intencional podem ser tomadas como todos esses processos ou apenas preferências que levam a ações e no sentido mais amplo é o tema da psicologia cognitiva ou neurociências cognitivas quando a neurofisiologia, neuroquímica e neurogenética são incluídas. A psicologia evolutiva pode ser considerada como o estudo de todas as



funções anteriores ou o funcionamento de módulos que produzem comportamento, e então é coextensa na evolução, desenvolvimento e ação individual com preferências, intenções e ações. Uma vez que os axiomas (algoritmos ou módulos cognitivos) de nossa psicologia estão em nossos genes, podemos expandir nossa compreensão e aumentar nosso poder dando descrições claras de como eles funcionam e podem ampliá-los (cultura) através da biologia, psicologia, filosofia (psicologia descritiva), matemática, lógica, física e programas de computador, tornando-os mais rápidos e eficientes. Hajek (2003) faz uma análise das disposições como probabilidades condicionais que foram algorítmicas por Rott (1999), Spohn, etc.

A intencionalidade (psicologia cognitiva ou evolutiva) consiste em vários aspectos do comportamento que são inatamente programados em módulos cognitivos que criam e requerem consciência, vontade e eu, e em adultos humanos normais quase todos, exceto percepções e algumas memórias são purposivas, requerem atos públicos (por exemplo, linguagem) e nos comprometem a relacionamentos a fim de aumentar nossa aptidão inclusiva (utilidade máxima esperada ou maximizar a utilidade Baysiana). No entanto, o Bayesianismo é altamente questionável devido a uma subdeterminação séria, ou seja, pode "explicar" qualquer coisa e, portanto, nada. Isso acontece através do domínio e altruísmo recíproco, muitas vezes resultando em Desire Independent Reasons for Action (Razões de Ação Independentes de Desejos) (Searle)- que divido em DIRA1 e DIRA2 para S1 e S2) e impõe Condições de Satisfação em Condições de Satisfação (Searle)-(ou seja, refere-se a pensamentos ao mundo através de atos públicos (movimentos musculares), produção de matemática, linguagem, arte, música, sexo, esportes, etc. O básico disso foi descoberto pelo nosso maior psicólogo natural Ludwig Wittgenstein entre os anos 1930 e 1951, mas com omens claros de 1911, e com refinamentos por muitos, mas principalmente por John Searle a partir dos anos 1960. "A árvore geral dos fenômenos psicológicos. Eu me esforço não pela precisão, mas por uma visão do todo. RPP Vol 1 p895 cf Z p464. Grande parte da intencionalidade (por exemplo, nosso seleção) suporta graus. Como W apontou, as inclinações às vezes são conscientes e deliberativas. Todos os nossos modelos (funções, conceitos, conjuntos de linguagem) têm bordas difusas em alguns contextos, pois devem ser úteis.

Existem pelo menos dois tipos de pensamento (ou seja, dois conjuntos de línguas ou formas de usar o verbo disposição "pensar") — não-racional sem consciência e racional com consciência parcial (W), agora descrito como o pensamento rápido e lento de S1 e S2. É útil considerá-los como conjuntos de linguagem e não como meros fenômenos (W RPP Vol2 p129). Fenômenos mentais (nossas "experiências" subjetivas ou internas) são epifenomena, carecem de critérios, portanto, não têm informação mesmo para si mesmo e, portanto, não podem desempenhar qualquer papel na comunicação, pensamento ou mente. Pense como se todas as disposições não fossem provas, não é um estado mental (ao contrário das percepções de S1), e não contém informações até que se torne um ato público ou evento como fala, escrita ou outras contrações musculares. Nossas percepções e memórias podem ter informações (ou seja, um COS público) somente quando manifestadas em ações públicas, porque só então pensamos, sentem, etc. têm algum significado (consequências) até mesmo para nós mesmos.

A memória e a percepção são integradas por módulos em disposições que se tornam psicologicamente eficazes quando são agidas, ou seja, o S1 gera S2. Desenvolver a linguagem significa manifestar a capacidade inata dos humanos avançados de substituir palavras (contrações finas dos músculos orais ou manuais) com atos (contrações grossas dos músculos do braço e das pernas). TOM (Teoria da Mente) é chamado de Muito melhor Entendimento ua-agência (meu mandato) e UA1 e UA2 para tais funções em S1 e S2 – e também pode ser chamado de Psicologia Evolutiva ou Intencionalidade – a produção inatamente programada de consciência, e o pensamento que leva a intenções e, em seguida, a ações contraindo os músculos, ou seja, entender é uma disposição como pensar e saber. Portanto, a "atitude proposicional" é um termo incorreto para o S2D deliberativo intuitivo normal (ou seja, a lenta operação deliberada do Sistema 2) ou S2A automatizada (ou seja, a conversão de funções de voz e ação do Sistema 2 praticada com frequência em funções automáticas funções rápidas). Vemos que os esforços da ciência cognitiva para entender o pensamento, as emoções, etc. através do estudo da neurofisiologia não nos dirá nada mais sobre como a mente funciona (pensamento, linguagem) (ao contrário de como o cérebro funciona) do que o cérebro já funciona sabemos, porque "mente"

(pensamento, linguagem) já está em plena vista pública (W). Qualquer "fenômeno" que esteja escondido em neurofisiologia, bioquímica, genética, mecânica quântica ou teoria das cordas é tão irrelevante para nossa vida social quanto o fato de que um gráfico é composto de átomos que "obedecem" (podem ser descritos por) as leis física e química é almoçar com ele. Como W tão famoso disse: "Nada está escondido." Tudo o que interessa à mente (pensamento, linguagem) está aberto aos olhos se examinarmos cuidadosamente o funcionamento da linguagem. A linguagem (mente, a fala pública relacionada a potenciais ações) foi evoluída para facilitar a interação social e, portanto, a coleta de recursos, sobrevivência e reprodução. Sua gramática (ou seja, psicologia evolutiva, intencionalidade) funciona automaticamente e é extremamente confusa quando tentamos analisá-la. Isso tem sido frequentemente explicado por Hacker, DMS e muitos outros.

Como W apontou com inúmeros exemplos cuidadosamente indicados, palavras e frases têm múltiplos usos dependendo do contexto. Eu acho e porque eles têm papéis profundamente diferentes como eu penso e acredito e ele acredita. Esse uso na primeira pessoa do presente e uso dos verbos de inclinação como "acredito" geralmente descreve minha capacidade de prever meus prováveis atos baseados no conhecimento (ou seja, S2), mas também pode parecer (em contextos filosóficos) ser descritivo do meu estado mental e, portanto, não é baseado em conhecimento ou informação (W e ver a minha revisão do livro de Hutto e Myin). No velho sentido S1, não descreve uma verdade, mas se torna realidade no ato de dizê-la- isto é, "Eu acho que está chovendo" torna-se verdade. Ou seja, os verbos de disposição usados na primeira pessoa presente podem ser causalmente auto-reflexivos, eles se instantam, mas depois não são verificáveis (ou seja, não T ou F, não S2). No entanto, passado tempo ou uso futuro ou terceira pessoa --"eu acreditava" ou "ele acredita" ou "acredita" contém ou pode ser resolvido por informações que são verdadeiras ou falsas, pois descrevem atos públicos que são ou podem se tornar verificáveis. Da mesma forma, "eu acho que está chovendo" não tem nenhuma informação além de ações subsequentes, mesmo para mim, mas "eu acho que vai chover" ou "acho que está chovendo" são atos públicos potencialmente verificáveis deslocados no espaço-tempo que têm o para transmitir informações (ou desinformação).

Palavras não reflexivas ou não racionais (automáticas) faladas sem intenção anterior (que chamo de S2A - isto é, S2D automatizado pela prática) foram chamadas de Words as Deeds por W & então por Daniel Moyal-Sharrock em seu artigo na *Philosophical Psychology* in 2000). Muitas das chamadas inclinações / disposições / preferências / tendências / capacidades / habilidades são atitudes não proposicionais (não reflexivas) (muito mais úteis para chamá-las de funções ou habilidades) do sistema 1 (Tversky e Kahneman). Searle afirma que as intenções anteriores são estados mentais e, portanto, S1, mas, novamente, acho que é preciso separar PI1 e PI2, pois em nossa linguagem normal nossas intenções anteriores são as deliberações conscientes de S2. Percepções, memórias, disposições do tipo 2 (por exemplo, algumas emoções) e muitas disposições do tipo 1 são mais chamadas de reflexos de S1 e são funções automáticas, não-reflexivas, NÃO-Proposicionais e NÃO-Atitudinais das dobradiças (axiomas, algoritmos) de nossa Psicologia Evolutiva (Moyal-Sharrock depois de Wittgenstein).

Assim, quando Searle introduz alguma terminologia na p6 do STATA, vemos que

VisExp (está chovendo) é S1 enquanto Bel (está chovendo) ou Assert (Afirmar) (está chovendo) é S2.

Nós só temos um conjunto de genes e, portanto, uma linguagem (mente), um comportamento (natureza humana ou psicologia evolutiva), que W e S chamam de base ou fundo e refletindo sobre isso geramos filosofia que S chama de estrutura lógica da racionalidade e eu chamo a psicologia descritiva do Pensamento de Ordem Superior (HOT) ou, tomando o sinal de W, o estudo da linguagem que descreve hot. O único interesse em ler os comentários de qualquer um sobre os aspectos filosóficos do comportamento humano (HOT) é ver se sua tradução para o quadro W/S dá algumas descrições claras que iluminam o uso da linguagem. Se não, então mostre como eles foram enfeitados pela linguagem dissipa confusão. Como Horwich apontou na última página de sua magnífica 'Metafilosofia de Wittgenstein' (veja minha crítica): "Que tipo de progresso é esse — o mistério fascinante foi apagado — mas nenhuma profundidade foi trazida ao conforto; nada foi explicado, descoberto ou reconcebido. Como se pode pensar. Mas talvez, como Wittgenstein sugere, as virtudes da clareza, desmistificação e verdade devem ser satisfatórias o suficiente." No entanto, a W/S explica muito (ou como W sugeriu que devemos dizer "descrevendo") e S afirma que a estrutura lógica da racionalidade constitui várias teorias, e não há mal nenhum nisso, desde que se perceba que eles são compostos por

uma série de exemplos que nos permitem ter uma ideia geral de como a linguagem funciona (a mente) e que à medida que suas explicações "teorias" através de exemplos se tornam mais como a descrição perpicuo de W. "Uma rosa com qualquer outro nome..." Quando há uma pergunta é preciso voltar aos exemplos ou considerar os novos. Como W apontou, a linguagem (vida) é ilimitadamente complexa e sensível ao contexto (W é o pai não reconhecido do contextualismo), por isso é completamente diferente da física onde muitas vezes você pode derivar uma fórmula e dispensar a necessidade de mais exemplos. A ciência (o uso da linguagem científica e da estrutura causal) nos desvia ao descrever o CALOR. "Os filósofos veem constantemente o método da ciência diante de seus olhos e são irresistivelmente tentados a fazer e responder perguntas do jeito que a ciência faz. Essa tendência é a verdadeira fonte da metafísica e leva o filósofo a completar a escuridão." (BBB p18). Ao contrário de tantos outros, S tem lidado em grande parte e muitas vezes com o cientista, mas há um resíduo que é evidente quando ele diz em vários escritos que podemos entender a consciência estudando o cérebro ou que ele está preparado para renunciar à causalidade, vontade ou mente. W deixou bem claro que tais palavras são as dobradiças básicas ou jogos de linguagem e desistir delas ou mesmo mudá-las não é um conceito coerente. Como observado em minhas outras críticas, acredito que o resíduo da ciência é o resultado da grande tragédia da vida filosófica de S (e quase toda a outra vida filosófica dos filósofos) - sua falha em levar o W subsequente a sério o suficiente (W morreu alguns anos antes de S foi para a Inglaterra estudar).

"Aqui encontramos um fenômeno notável e característico na pesquisa filosófica: a dificuldade---Eu poderia dizer--- não é encontrar a solução, mas sim reconhecer como a solução algo que parece ser apenas uma preliminar para ela. Já dissemos tudo. --- Nem tudo o que vem disso, nem isso é a solução! .... Isso está relacionado, eu acho, à nossa falha em esperar por uma explicação, enquanto a solução da dificuldade é uma descrição, se dermos o lugar certo em nossas considerações. Se pararmos nisso, e não tentarmos ir além disso. Zettel p312-314

"Nosso método é puramente descritivo, as descrições que damos não são indícios de explicações." BBB p125

Segue-se tanto o trabalho do terceiro período de W quanto da psicologia contemporânea, que 'vontade', 'eu' e 'consciência' são elementos axiomáticos do único verdadeiro Sistema réptil Um (S1) composto sem percepções, memórias e reflexões, e não há possibilidade (inteligibilidade) demonstrar (para dar sentido) à sua falsidade. Como W deixou tão maravilhosamente claro, eles são a base para o julgamento e, portanto, não podem ser julgados. Os verdadeiros axiomas de nossa psicologia não são probatórios.

Os filósofos raramente sabem exatamente o que esperam contribuir para que outros estudantes comportamentais (ou seja, cientistas) não, por isso, apontando os comentários anteriores de W sobre inveja científica, eu citarei do P.M.S Hacker (o especialista líder em W) que começa bem em W) que começa bem e uma explosão para a ciência.

"Os epistemólogos tradicionais querem saber se o conhecimento é uma verdadeira crença e outra condição..., ou se o conhecimento nem implica crença... O que precisa ser esclarecido se essas perguntas devem ser respondidas é a teia de nossos conceitos epistêmicos, as formas pelas quais os diversos conceitos passam a ser unidos, as diversas formas de sua compatibilidade e incompatibilidades, seu ponto e propósito, suas presunções e diferentes formas de dependência de contexto. Para este exercício venerável de análise conjuntiva, conhecimento científico, psicologia, neurociência e ciência cognitiva autodenominada não pode contribuir com nada." (Passando pela virada naturalista: no beco sem saída de Quine- p15-2005)

Antes de comentar mais sobre o 'STATA', primeiro apresentarei alguns comentários essenciais sobre filosofia e sua relação com a pesquisa psicológica contemporânea, como exemplificado nos trabalhos de Searle (S), Wittgenstein (W), Hacker (H) et al. Ajudará a ver minhas críticas sobre o PNC de S (filosofia em um novo século), Making the Social

World (MSW) e o BBB de W (livros azuis e marrons), PI (Investigações Filosóficas), OC (On Certainty) (Em Certeza) e outros livros por e sobre esses gênios, que fornecem uma descrição clara do comportamento de ordem superior, não encontrada nos livros de psicologia, à qual me referirei como a estrutura W / S.

Como observado nas minhas outras revisões, os erros filosóficos são de interesse, pois são os padrões universais da nossa psicologia, devido ao fato de que nossa linguagem carece de perspicuidade, como W apontou pela primeira vez no BBB (Blue and Brown Books) 3/4 atrás.

Um tema importante em qualquer discussão sobre o comportamento humano é a necessidade de separar as automações geneticamente programadas dos efeitos da cultura. Todo o estudo do comportamento de ordem superior (HOT) é um esforço para zombar não só do pensamento rápido S1 e S2 -- por exemplo, percepções e outros automatismos versus provisões, mas extensões de S2 na cultura (S3). O trabalho de Searle como um todo fornece uma descrição impressionante do comportamento social de maior ordem S2/S3, enquanto o w posterior mostra como ele é baseado nos axiomas inconscientes somente na verdade de S1 que evoluíram para a disposição consciente deliberada pensando em S2.

S1 são as funções automatizadas simples de nossos estados mentais involuntários, Sistema 1, pensamento rápido, neurônio-espelho, estados mentais pré-linguísticos verdadeiros, não-proposicionais e pré-linguísticos - nossas percepções, memórias e atos reflexivos, incluindo as Verdades do Sistema 1 e a UA1 - Agência 1 - e Emoções - como alegria, amor, raiva) que podem ser descritas causalmente, enquanto as funções linguísticas evolutivas posteriores são expressões ou descrições de neurônios voluntários, do Sistema 2, de pensamento lento e mentalizados. Ou seja, verdadeiro ou falso testável, proposicional, Verdade2 e UA2 e Emoções2 (alegria, amor, ódio) - a disposição (e muitas vezes contrafactual) imaginando, supondo, pretendendo, pretendendo, pensando, sabendo, acreditando, etc. descrito em termos de razões (ou seja, é apenas um fato que tenta descrever o Sistema 2 em termos de neuroquímica, física atômica, matemática, não faz sentido - veja W, S, Hacker etc.).

A pesquisa do Sistema 1 revolucionou a psicologia, a economia e outras disciplinas nomes como ilusões cognitivas, preparação, enquadramento, heurística e preconceitos. É claro que estes também são conjuntos de linguagem, então haverá cada vez menos maneiras úteis de usar essas palavras, e estudos e discussões variam de Sistema 1 "puro" a combinações de 1 e 2 (o padrão como W deixou claro), mas não apenas de S2, uma vez que não pode ocorrer sem envolver grande parte da intrincada rede S1 de "módulos cognitivos", "motores de inferência", "reflexos intracerebrais", "automatismos", "axiomas cognitivos", "fundo" ou "base" --como W e depois S chamam de nossa Psicologia Evolutiva (PE).

Estruturas de deonticas ou "cola social" são as ações rápidas automáticas do S1 produzindo os arranjos lentos do S2 que se expandem inexoravelmente durante o desenvolvimento pessoal em uma ampla gama de relações deonticas universais automáticas tão bem descritas por Searle. Espero que isso atrase muito bem a estrutura básica de comportamento descrita em minhas outras revisões.

Portanto, reconheça que o S1 é apenas um causal a montante (mundo à mente) e nenhum conteúdo (falta de representações ou informações) enquanto s2 tem conteúdo (ou seja, representativo) e é baixa causa (mente para o mundo) (por exemplo, veja minha revisão do Hutto e o "Enactivismo Radical" de Myin), traduziriam os parágrafos do MSW p39 de S começando "Em suma" e terminando em PG 40 com "condições de satisfação" da seguinte forma.

Em suma, a percepção, memória e intenções reflexivas e ações anteriores ("vontade") são causadas pelo funcionamento automático do nosso EP axiomático S1 modificado pelo S2 ("livre vontade"). Tentamos combinar como queremos que as coisas sejam com a forma como pensamos que são. Devemos ver que a crença, o desejo (e a imaginação - os desejos do tempo mudaram e se desassociaram da intenção) e outras disposições propostas s2 de nosso pensamento lento mais tarde evoluiu segundo-me, são totalmente dependentes (eles têm a sua As Condições de Satisfação (COS) originaram-

se em) a falsa mente auto-reflexiva (CSR) rápida e rápida e rápida primitiva, apenas reflexiva S1. Na linguagem e na neurofisiologia existem casos intermediários ou mistos, como intenção (intenções anteriores) ou lembrança, onde a conexão causal do COS com s1 muda o tempo, uma vez que representam o passado ou o futuro, ao contrário de S1 que está sempre no Presente. S1 e S2 se alimentam e muitas vezes são orquestrados sem problemas por relações culturais éticas práticas, então nossa experiência normal é que controlamos conscientemente tudo o que fazemos. Esta vasta arena de ilusões cognitivas que dominam nossa vida Searle descreveu como "A Ilusão Fenomenológica" (TPI).

"Algumas das características lógicas mais importantes da intencionalidade estão além do escopo da fenomenologia porque não têm uma realidade fenomenológica imediata. Porque a criação de significado para que não faça sentido não é conscientemente experimentada... não existe tal coisa... Isso é... ilusão fenomenológica. Searle PNC p115-117

As palavras de disposição (Preferências - ver tabela acima) têm pelo menos dois usos básicos. Refere-se a frases somente reais que descrevem nossas percepções diretas, reflexos (incluindo fala básica) e memória, ou seja, nossa psicologia axiomática S1 inata que são causalmente auto-reflexivas (CAR o CSR)-(chamadas reflexivas ou no BBB de W), e o uso de S2 como palavras de disposição (pensamento, compreensão, conhecimento, etc.) que podem ser agidos, e que podem se tornar verdadeiros ou falsos ('Eu sei o meu caminho de casa') -- ou seja, eles têm Condições de Satisfação (COS) e não são CAR (chamada transitória no BBB).

"Como surge o problema filosófico sobre processos mentais e estados e comportamento? – O primeiro passo é aquele que escapa completamente do aviso. Falamos de processos e estados e deixamos sua natureza indecisa. Em algum momento podemos saber mais sobre eles, nós pensamos. Mas isso é exatamente o que nos compromete a uma maneira particular de olhar para o assunto. Porque temos um conceito definitivo do que significa aprender a conhecer melhor um processo. (O movimento decisivo no truque do feitiço foi feito, e foi o mesmo que pensávamos bastante inocente.) "E agora a analogia de nos fazer entender que nossos pensamentos desmoronam. Portanto, temos que negar o processo ainda incompreendido no ambiente ainda inexplorado. E agora parece que negamos processos mentais. E é claro que não queremos negá-los. Pi p308 de W

"... a relação intencional básica entre a mente e o mundo tem a ver com condições de satisfação. E uma proposta é qualquer coisa que possa estar em uma relação intencional com o mundo, e uma vez que essas relações intencionais sempre determinam as condições de satisfação, e uma proposta é definida como qualquer coisa suficiente para determinar o condições de satisfação, acontece que toda intencionalidade é uma questão de proposta. Searle PNC p193

"O Estado intencional representa suas condições de satisfação. as pessoas assumem erroneamente que toda representação mental deve ser conscientemente pensada... mas a noção de uma representação como estou usando é uma noção funcional e não ontológica. Qualquer coisa que tenha condições de satisfação, que possam ter sucesso ou falha de forma característica da intencionalidade, é, por definição, uma representação de suas condições de satisfação... podemos analisar a estrutura da intencionalidade dos fenômenos sociais analisando suas condições de satisfação." Searle MSW p28- 32

Como Carruthers e outros, S às vezes afirma (por exemplo, p66-67 MSW) que S1 (ou seja, memórias, percepções, atos reflexos) tem uma estrutura proposicional (ou seja, verdadeira-falsa). Como eu tenho observado acima, e muitas vezes em outras revisões, parece muito claro que W está correto, e é básico entender o comportamento, que apenas S2 é proposicional e S1 é axiomática e somente real. No entanto, uma vez que o que S e vários autores aqui chamam de fundo (S1) dá origem ao S2 e, por sua vez, é parcialmente controlado pela S2, tem que haver um sentido em que o S1 é capaz de se tornar uma proposta e eles e Searle apontam que as atividades inconscientes do S2 devem ser capazes de

se tornar aqueles que estão cientes do S2. Ambos têm COS e Direção de Fit (DOF) porque a intencionalidade genética e axiomática do S1 gera a de S2, mas se s1 fosse proposicional no mesmo sentido significaria que o ceticismo é inteligível, o caos que era filosofia antes de W retornar, e de fato se for verdade, a vida não seria possível. Significaria, por exemplo, que a verdade e a falsidade e os fatos do mundo poderiam ser decididos sem consciência. Como W muitas vezes declarou e exibiu tão brilhantemente em seu último livro *On Certainly*, a vida deve ser baseada na certeza: reações rápidas inconscientes automatizadas. Organismos que sempre têm uma dúvida e uma pausa para a reflexão morrerão, sem evolução, sem pessoas, sem filosofia.

Outra noção crucial esclarecida pela S é o desejo por razões independentes de ação (DIRA). Traduziria o resumo da razão prática S-to-p127 da MSW da seguinte forma: "Cedemos aos nossos desejos (necessidade de alterar a química cerebral), que normalmente incluem Razões de ação independentes de Desejo (DIRA--i., desejos deslocados no espaço e no tempo), que produzem provisões para comportamentos que geralmente resultam mais cedo ou mais tarde em movimentos musculares que servem ao nosso condicionamento físico inclusivo (maior sobrevivência para nós mesmos e aqueles em nós mesmo relacionado)." E eu diria novamente sua descrição no p129 de como realizamos DIRA2 como "A resolução do paradoxo é que o DIRA1 inconsciente servindo a aptidão inclusiva de longo prazo gera o DIRA2 consciente que muitas vezes anula desejos pessoais imediatos a curto prazo." Os agentes criam conscientemente as próximas razões para DIRA2, mas estas são extensões altamente restritas do DIRA1 inconsciente (a causa final). Obama e o Papa querem ajudar os pobres porque é "certo", mas a causa final é uma mudança em sua química cerebral que aumentou a aptidão inclusiva de seus ancestrais distantes. A evolução por aptidão inclusiva programou as ações causais reflexivas inconscientes de S1 que muitas vezes resultam em pensamento lento qualificado de S2 que gera infinitas extensões culturais, e que produz razões para ações que muitas vezes resultam na ativação dos músculos do corpo e/ou fala por S1 causando ações. O mecanismo geral é através da neurotransmissão e por mudanças em neuromoduladores em áreas específicas do cérebro. A ilusão cognitiva geral (chamada por Searle 'A Ilusão Fenomenológica', por Pinker 'A Lousa Em Branco' e por Tooby e Cosmides 'O Modelo Padrão de Ciência Social') é que S2 conscientemente gerou a ação por razões pelas quais estamos plenamente conscientes e no controle, mas qualquer pessoa familiarizada com biologia moderna e psicologia pode ver que essa visão não é crível.

Uma frase expressa um pensamento (tem um significado), quando tem ciss, ou seja, condições de verdade pública. Daí o comentário de W: "Quando penso na linguagem, não há 'significados' passando pela minha mente além de expressões verbais: a linguagem é em si o veículo do pensamento." E, se eu penso com ou sem palavras, pensei que é o que eu (honestamente) digo que é, já que não há outro critério possível (COS). Portanto, os aforismos encantadores de W (p132 Filosofia da Psicologia de Budd-Wittgenstein) "É na linguagem que o desejo e a realização se encontram" e "Como todo metafísico, a harmonia entre o pensamento e a realidade é encontrada na gramática de Budd-Wittgenstein linguagem. E você pode ver aqui que a "gramática" em W geralmente pode ser traduzida como EP e que, apesar de seus avisos frequentes contra a teorização e generalização, esta é uma caracterização tão ampla da psicologia descritiva da ordem superior (filosofia) como você pode encontrar — além até mesmo de Searle.

"Cada signo é capaz de interpretar, mas o significado não deve ser capaz de ser interpretado. É a última apresentação" W's BBB p34

Embora W esteja correto de que não há estado de espírito que constitua significado, S ressalta que há uma maneira geral de caracterizar o ato de significado - "O orador significa... é a imposição de condições de satisfação nas condições de satisfação" que significa falar ou escrever uma frase bem formada que expressa COS em um contexto que pode ser verdadeiro ou falso e isso é um ato e não um estado mental. Portanto, a famosa citação de W: "Se Deus tivesse olhado para nossas mentes ele não teria sido capaz de ver de quem estávamos falando lá (PI p217)" e seus comentários de que todo o problema da representação está contido em "que é ele" e "... o que dá à imagem sua interpretação é a maneira como ela é", ou como S diz seu COS. Daí a soma de W (p140 Budd) que "o que sempre chega ao fim é que, sem qualquer significado adicional, ele chama o que aconteceu o desejo de que isso acontecesse"..." a questão de saber se eu sei o que

quero antes do meu desejo ser cumprido não pode surgir. E só porque um evento para meus desejos não significa que eu vou fazê-lo. Talvez eu não devesse ter ficado satisfeito se meu desejo tivesse sido satisfeito"... Suponha que lhe perguntaram :Do eu sei o que eu anseio antes de obtê-lo? Se eu aprendi a falar, então eu sei.

W também pode ser considerado um pioneiro na linguística cognitiva evolutiva. Ele dissecou centenas de conjuntos de linguagem que mostram como percepções, memórias e ações reflexivas do sistema de um grau (S1) no pensamento, lembrança e compreensão das disposições do sistema duas (S2), e muitos de seus exemplos também abordam explicitamente o problema da natureza/nut. Com essa perspectiva evolutiva, seus trabalhos posteriores são uma revelação impressionante da natureza humana que é totalmente atual e nunca foi correspondida. Muitas perspectivas têm um valor heurístico, mas me parece que essa visão evolutiva de dois sistemas é a melhor. Parafraseando o famoso comentário de Dobzhansky: "Nada na filosofia faz sentido, exceto à luz da psicologia evolutiva."

W reconheceu que 'Nada está escondido', ou seja, toda a nossa psicologia e todas as respostas para todas as perguntas filosóficas estão aqui em nossa língua (nossa vida) e que a dificuldade não é encontrar as respostas, mas reconhecê-las como sempre aqui na frente de só temos que parar de tentar olhar mais fundo e abandonar o mito do acesso introspectivo à nossa "vida interior" (por exemplo, "O maior perigo aqui é querer observar a si mesmo". LWPP1, 459).

A propósito, a equação da lógica ou gramática e nossa psicologia axiomática é essencial para entender W e a natureza humana (como Daniele Moyal Sharrock (DMS), mas até onde eu sei, ninguém mais aponta).

Nossa experiência pública compartilhada torna-se uma verdadeira extensão do nosso EP axiomático e não pode ser confundida sem ameaçar nossa sanidade. Ou seja, as consequências de um "erro" S1 são muito diferentes de um erro S2. Um corolário, muito bem explicado pelo DMS e esclarecido de forma única por Searle, é que a visão cética do mundo e outras mentes (e uma montanha de outras bobagens, incluindo a lousa em branco) não pode realmente obter uma base, uma vez que a "realidade" é a resultado axiomas invertidos e propostas verdadeiras ou falsas inverificáveis.

Apesar de a maior parte do exposto ser conhecida por muitos há décadas (e até mesmo 3/4 de um século no caso de alguns dos ensinamentos de W), nunca vi nada que se aproxime de uma discussão adequada nos textos da ciência comportamental (ou seja, filosofia, psicologia, sociologia, antropologia, literatura, etc.) e com raras exceções é pouco mencionado.

Deve ser óbvio, desde o momento, que as perguntas são sempre sobre erros na linguagem usada para descrever nossa psicologia universal inata e não há sentido útil em que possa haver uma visão chinesa, francesa, cristã, feminista, etc. sobre elas. Tais visões podem existir da filosofia no outro sentido, mas não é o que se trata a filosofia da mente (ou *w*, *S* ou *Eu* do que qualquer filosofia interessante e substantiva é). Como é frequentemente o caso, a discussão de *S* é marcada por sua incapacidade de trazer sua compreensão do "passado" de *W* à sua conclusão lógica, por isso sugere (como ele tem muitas vezes) que ele pode ter que desistir do conceito de livre vontade, o que me parece (com *W*) incoerente. Não é que não devêssemos desistir, mas não podemos mais chegar a essa sugestão de que se pode parar de correr, querer, fingir, esperar, etc. Da mesma forma, ninguém pode dar argumentos para o fundo (ou seja, nossa psicologia axiomática), uma vez que nossa ser capaz de falar ou viver em tudo assume (como *W* apontou com frequência). Sim, também é verdade que "redução" junto com "monism", "realidade", etc., são jogos de linguagem complexos e não carregam sentido ao longo de pequenas mochilas! Deve-se dissecar o uso *one* em detalhes para excluir e, em seguida, ver como o outro uso (contexto) difere. As 20.000 páginas de *W nachlass* são a melhor lição sobre como isso tem que ser feito.

Deve-se lembrar que as disposições (por exemplo, pensar, saber) que afirmam um *COS* são, portanto, verdadeiras ou falsas e uma função de *S2* (ao contrário de *S1* que são apenas verdadeiras). E a "subdeterminação radical do significado" também conhecida como "a explosão combinatória" foi resolvida pela primeira vez por *W*, que observou que o *S1* só pode ser verdade.

Em outro volume recente, S comenta: "O coração do meu argumento é que nossas práticas linguísticas, como é comumente compreendida, pressupõe uma realidade que existe independentemente de nossas representações", ao que eu acrescentaria "Nossa vida mostra um mundo que não depende de nossa existência e não pode ser questionado de forma inteligível".

Agora que temos uma estrutura, podemos considerar os comentários de Searle sobre a natureza da percepção.

Como se espera qualquer filosofia, estamos em sérios problemas imediatamente, já que na página 4 temos os termos "percepção" e "objeto" como se usado é um certo sentido normal, mas estamos fazendo filosofia, então estaremos ondulantes entre jogos de idiomas não têm chance de manter nossos jogos do dia-a-dia diferentes dos Filosófica. Mais uma vez, você pode ler um pouco de Neurociência e Filosofia ou

"Fundamentos filosóficos da neurociência" para ter uma ideia disso. Além disso, uma rápida revisão da tabela intencional acima colocará seus termos, "causalmente auto-reflexivos", etc. no contexto. Infelizmente, como quase todos os filósofos, Searle (S) não adotou a estrutura de dois sistemas, tornando muito mais difícil manter as coisas claras.

Assim, na p6, Acreditar e Afirmar fazem parte do sistema 2, que é lingüístico, deliberativo, lento, sem tempo preciso de ocorrência e 'está chovendo' é sua condição pública de satisfação (COS2) (transitiva de Wittgenstein) - ou seja, proposicional e representacional, e não um estado mental, e só podemos descrevê-lo de forma inteligível em termos de razões, enquanto a Experiência Visual (VisExp) é o sistema 1 e, portanto, exige (para inteligibilidade, sanidade) que esteja chovendo (é COS1) e tem um tempo determinado de ocorrência, é rápido (normalmente abaixo de 500 ms), não testável (somente verdadeiro de Wittgenstein) e não público, automático e não lingüístico, isto é, não proposicional e apresentacional e apenas descritivo em termos de causas de um estado mental. Apesar disso, na p7, depois de esmagar o horrível (mas ainda bastante popular) termo "atitude proposicional", ele diz que a percepção tem conteúdo proposicional, mas eu concordo com W que S1 é apenas verdadeiro e, portanto, não pode ser proposicional em algo como o senso de S2 onde proposições são declarações públicas (COS) verdadeiras ou falsas.

Na nota p12, você está descrevendo a automaticidade do Sistema 1 (S1), e então apontar que para descrever o mundo só podemos repetir a descrição que W apontou como mostrando os limites da linguagem. A última frase no final do parágrafo médio do p13 precisa de tradução (como a maioria da filosofia!) então para "a experiência subjetiva tem conteúdo, que os filósofos chamam de conteúdo intencional e a especificação do conteúdo intencional é o o mesmo que a descrição da situação com que o conteúdo intencional apresenta a você, etc. Eu diria: "Percepções são estados mentais do Sistema 1 que só podem ser descritos na linguagem pública do Sistema 2." E quando ele acaba apontando novamente a equivalência de uma descrição de acreditar com a de uma descrição de nossa percepção, ele está repetindo o que W apontou há muito tempo e isso é devido ao fato de que S1 não é lingual e que descreve, acredite, sabe, esperando, etc. são todos os modos psicológicos ou intencionais diferentes ou jogos de linguagem jogados com as mesmas palavras.

No p23 refere-se a "experiências" privadas, mas as palavras são S2 e descrevem eventos públicos, então o que justifica o nosso uso da palavra para 'experiências privadas' S1 só pode ser suas manifestações públicas, ou seja, a linguagem que todos usamos descrever eventos públicos como mesmo para mim não pode ter como anexar a linguagem a algo interno. Este é, é claro, o argumento de W contra a possibilidade de uma língua privada. Ele também menciona várias vezes que as alucinações X são as mesmas que ver X, mas qual pode ser o teste para isso, exceto que estamos inclinados a usar as mesmas palavras? Neste caso, eles são os mesmos por definição, então este argumento soa oco.

No p33 suas "formas básicas" de intencionalidade são S1, enquanto as "formas derivadas" são S2 e os dois modos



"vêm" e "pensam" como usado aqui são S1 e S2, mas o problema universal é que essas palavras podem ser usadas para S1 ou S2 e ninguém as mantém diferentes.

No topo p35 ataca corretamente o uso de "atitude proposicional" que não é uma atitude para uma frase, mas uma atitude (disposição) para seu COS público, ou seja, ao fato ou ao verdadeiro feito. Então ele diz: "Por exemplo, se eu vejo um homem na minha frente, o conteúdo é que há um homem na minha frente. O objeto é o próprio homem. Se estou tendo uma alucinação correspondente, a experiência perceptiva tem um conteúdo, mas nenhum objeto. O conteúdo pode ser exatamente o mesmo em ambos os casos, mas a presença de um conteúdo não implica a presença de um objeto." A maneira como vejo isso é que o 'objeto' está normalmente no mundo e cria o estado mental (S1) e se colocarmos isso em palavras torna-se S2 com COS2 (ou seja, um fato da verdade pública) e isso implica o objeto público, mas para uma alucinação (ou estimulação cerebral direta et et c.) o 'objeto' é apenas o estado mental semelhante resultante da ativação cerebral.

No p37 como de costume na descrição do comportamento humano acho muito útil tentar manter S1 e S2 separados para que aqui possamos nos referir à percepção de algo como P1, mas quando o descrevemos podemos nos referir à percepção como P2.

Como W nos mostrou, o grande erro não é apenas entender a percepção, mas não entender a linguagem — todos os problemas da própria filosofia são exatamente os mesmos — não olhando cuidadosamente para como a linguagem funciona em um contexto específico para produzir um COS claro.

No p53, qual é exatamente o teste (COS2) que mostra que a causa ou estado mental de uma alucinação é o "mesmo" de quando não há alucinações? Mesmo que 'vejamos' nossa mãe morta, com algumas possíveis raras exceções de insanidade, dano cerebral, etc., sabemos que não é ela, ou seja, é falsa e tomamos o não cumprimento dos dois como um sinal de doença. Portanto, cos2 em alucinação é apenas que sentimos como se estivesse presente, embora nós (normalmente) saibamos que não pode ser, enquanto cos2 quando estava vivo é que podemos confirmar por uma prova pública que é isso. Mas ele está certo de que há uma percepção mais ou menos comum em ambos os casos, então a apresentação ou COS1 é semelhante e às vezes poderia ser tão idêntica quanto dois estados mentais, pensamentos, sentimentos, etc. nunca se tornam, ou seja, não muito.

No p59 acredito que o argumento da transparência se originou com W. "O limite da linguagem é demonstrado por ser impossível descrever um fato que corresponde a (é a tradução de) uma frase sem simplesmente repetir a frase..." (Wittgenstein CV p10). Na parte inferior da página, mais uma vez a apresentação é S1 e a descrição ou representação é S2.

Em meados do p61 vemos as confusões que surgem aqui e em todos os lugares quando não mantemos S1 e S2 separados. Ou não devemos nos referir a representações no S1 ou pelo menos devemos chamá-las de R1 e perceber que elas não têm COS público, ou seja, não há COS2.

Em p63 não destacável significa apenas que é uma função automática causada pelo S1 e não uma função S2 fundamentada e voluntária. Essa discussão continua na próxima página, mas é claro que é relevante para todo o livro e para toda a filosofia, e é tão lamentável que Searle, e quase tudo nas ciências comportamentais, não possa entrar no século 21 e usar a terminologia de dois sistemas que deixa tantos problemas opacos muito claros. Da mesma forma, não entender que é sempre apenas uma questão de se é um assunto científico ou filosófico e se filosófico então que

jogo de linguagem deve ser jogado e o que o COS está no contexto em questão.

No p64 ele diz que a "experiência" está em sua cabeça, mas esse é apenas o problema, como W deixou tão claro que não há linguagem privada e como Bennett e Hacker levam toda a comunidade neurociência para a tarefa, em uso normal a 'experiência' só pode ser um fenômeno público para o qual compartilhamos critérios, mas qual é o teste para mim ter uma experiência na minha cabeça? Pelo menos há uma ambiguidade aqui que vai levar os outros. Muitos

Acho que isso não importa, muitas pessoas pensam que sim. Algo acontece no cérebro, mas isso é um problema neurofisiológico científico e certamente por "experiência" ou por "eu vi um coelho" nunca significa neurofisiologia. Claramente isso não é uma questão de investigação, mas de usar palavras inteligível.

Em p65 indexados, não destacáveis e apresentados são apenas jargões mais filosóficos usados em vez do Sistema 1 por pessoas que não adotaram a estrutura de dois sistemas para descrever o comportamento (ou seja, quase todos). Da mesma forma, para as páginas a seguir, se percebermos que "objetos e estados das coisas", "experiências visuais", "completamente determinadas", etc., são apenas conjuntos de idiomas onde temos que decidir quais são os COS e que se levamos em conta as propriedades de S1 e S2 tudo isso vem bem claro e Searle e todos os outros poderiam parar de "lutar para expressá-lo". Portanto (p69) a 'realidade é determinada' significa apenas que as percepções são S1 e, portanto, estados mentais, aqui e agora, automáticos, causais, não abrangentes (apenas verdadeiros) etc. enquanto crenças, como todas as disposições são S2 e, portanto, não estados mentais, não têm um tempo definido, têm razões e não causas, podem ser testadas com COS, etc. No p70 ele ressalta que as intenções em ação de percepção (IA1 em meus termos) fazem parte dos atos reflexivos de S1 (A1 em meus termos) que podem se originar de atos S2 que se tornaram reflexivos (S2A na minha terminologia).

No final do p74 na p75, 500 msec é frequentemente tomado como a linha divisória aproximada entre ver (S1) e ver como (S2) o que significa que o S1 passa percept para centros cortical superiores de S2 onde eles podem ser deliberados e expressos em linguagem.

Para p100, veja "On Certainty" de W e os documentos e livros do DMS sobre ele ou apenas minha breve análise de seus esforços no meu documento LSR (Estrutura Lógica da Realidade). No p101, geralmente podemos substituir COS por "condições reais".

No p100-101 o "campo visual subjetivo" é S2 e "campo visual alvo" é S1 e "nada parece" em S2 significa que não jogamos o jogo de idiomas para ver no mesmo sentido que para S1 e, na verdade, filosofia e uma boa parte da ciência (por exemplo, física) seria diferente se as pessoas tivessem percebido que estavam jogando jogos de idiomas e não fazendo ciência.

No p107 "a percepção é transparente" porque a linguagem é S2 e S1 não tem linguagem, pois é automática e reflexiva, então dizendo o que vi ou para descrever o que vi eu só posso dizer "vi um gato". Mais uma vez W apontou isso há muito tempo como mostrando os limites da linguagem.

No p108 podemos dizer que atos deliberados (A2) devem sempre ocorrer ativando S1, bem como atos reflexivos (A1). No p109 poderíamos reformular... toda vez que você percebe conscientemente algo, você toma a causa de sua experiência perceptiva como seu objeto como "percepções, como todas as funções S1 não são provavelmente".

P110 médio precisa ser traduzido de SearleSpeak para TwoSystemsSpeak para que Devido à apresentação de intencionalidade visual é uma subespécie de representação, e como toda representação está aspectos, apresentações visuais sempre estarão presentes suas condições de satisfação alguns aspectos e não em outros. torna-se porque os percepções S1 apresentam seus dados ao S2, que tem COS público, podemos falar sobre s1 como se ele também tem COS público. No p111, "condição" refere-se ao COS público da S2, ou seja, eventos que tornam a declaração verdadeira ou falsa e que a "ordem inferior" e a "ordem superior" referem-se a S1 e S2. No p112 a ação básica e a percepção básica são isomórficas porque o S1 alimenta seus dados para S2, o que só pode gerar ações alimentando-se de S1 para contrair músculos, e percepção de nível inferior e percepção de nível superior só podem ser descritos em os mesmos termos porque há apenas uma linguagem para descrever S1 e S2. No fundo, o p117 seria muito menos misterioso se adotasse a estrutura de dois sistemas para que, em vez de "conexão interna" com as condições de satisfação (meu COS1), uma percepção só seria apontada como a automática do S1 que causa um estado mental.

No p118 se W cometeu o Argumento Ruim estava no TLP e não em seu trabalho subsequente, e em qualquer caso o "fato" é o COS (a representação) ou o verdadeiro fabricante de S2 declarado por uma frase que é a descrição correta.

No p120 a questão é que as "cadeias causais" não têm poder explicativo porque jogos linguísticos "causa" só fazem sentido em S1 ou outros fenômenos não psicológicos da natureza, enquanto a semântica é S2 e só podemos falar inteligível sobre S1 ou outros fenômenos não psicológicos da natureza, enquanto a semântica é S2 e só podemos falar inteligível de razões para um comportamento de ordem superior humana. Uma maneira de isso se manifestar é "o significado não está em nossa cabeça" o que nos cerca em outros jogos de idiomas.

No p121 dizer que é essencial para uma percepção (S1) que tem COS1 (no que 'a experiência') simplesmente descreve as condições do jogo de percepção da linguagem, é um estado mental causal automático.

Na p. 122, penso: "Primeiro, para que algo seja vermelho no mundo ontologicamente objetivo, é capaz de causar experiências visuais ontologicamente subjetivas como essa". não é coerente, pois não há nada a que possamos nos referir 'this'; portanto, deve ser declarado como "Primeiro, para algo ser vermelho é apenas para que eu possa chamá-lo de 'vermelho'" - como sempre, o jargão não ajuda em nada e o restante do parágrafo também é desnecessário.

No p123, o "arranjo de fundo" é o estado mental automático, causal e mental de S1 e como eu, segundo W, DMS e outros disseram muitas vezes que não podem ser chamados de "suposições", uma vez que são inconscientemente ativadas 'dobradiças' que são a base para presunções.

A Seção VII e VIII (ou todo o livro ou a maior parte do comportamento da ordem superior ou da maior parte da filosofia no sentido estrito) poderiam ser intitulados "Conjuntos de linguagem descrevendo a interação de Estados Mentais Transitórios Causais, s1's automático e não-linguístico com o raciocínio, consciente e persistente pensamento linguístico de S2" e o fundo não é uma suposição ou pode ser dado como certo, mas é nossa psicologia axiomática apenas verdadeira (as "dobradiças" ou "maneiras de agir" de W 'Em Certeza') que está por trás de todas as suposições. Como é evidente em meus comentários acredito que toda a seção, que carece dos dois sistemas de estrutura e as percepções de W em OC é confundida assumindo que apresenta uma "explicação" da percepção onde, na melhor das hipóteses, só pode descrever como a linguagem do per em vários contextos. Só podemos descrever como a palavra "vermelho" é usada e esse é o fim dela e para a última frase desta seção poderíamos dizer que para algo ser uma "maça vermelha" é apenas para normalmente resultar nas mesmas palavras que são usadas por todos.

Falando em dobradiças, é triste e um pouco estranho que Searle não tenha incorporado o que muitos (por exemplo, DMS um filósofo contemporâneo eminente e proeminente especialista em W) consideram como talvez a maior

descoberta da filosofia moderna: a revolução da epistemologia em sua "Certeza", já que ninguém pode fazer filosofia ou psicologia à moda antiga sem parecer antiquado. E embora Searle quase tenha ignorado completamente 'On Certainty' toda a sua carreira, em 2009 (ou seja, 6 anos antes da publicação deste livro) ele falou em um simpósio sobre ele realizado pela Sociedade Wittgenstein Britânica e organizado pelo DMS, então ele certamente está ciente da opinião que revolucionou as mesmas questões que ele está discutindo aqui. Não acho que essa reunião tenha sido publicada, mas sua conferência pode ser baixada do Vimeo. Parece ser um caso de um cachorro velho que não consegue aprender novos truques. Embora ele provavelmente tenha sido pioneiro em mais novos territórios na psicologia descritiva do comportamento de maior ordem do que qualquer um desde Wittgenstein, uma vez que ele aprendeu um caminho ele tende a permanecer nele, como todos nós. Como todo mundo, ele usa o repertório da palavra francesa quando há mais fácil pronunciar e soletrar a palavra inglesa "repertório" e o desconfortável "ele/ela" ou reverter "ela" sexista quando se pode sempre usá-los ou 'eles'. Apesar de sua inteligência superior e educação, os acadêmicos também são ovelhas.

A Seção IX no final do capítulo mostra novamente os jogos de linguagem muito opacos e desconfortáveis aos quais se é forçado a descrever (não explique como W claro) as propriedades do S1 (ou seja, para reproduzir os conjuntos de idiomas usados para descrever 'qualidades primárias') e como estes dão dados em S2 (ou seja, qualidades secundárias), que então tem que ser alimentado de volta ao S1 para gerar ações. Também mostra os erros que se comete ao não entender a visão única de Wittgenstein da "epistemologia da dobradiça" apresentada em "On Certainty". Para mostrar tão claro como isso é com a terminologia do sistema duplo você teria que reescrever todo o capítulo (e grande parte do livro). Como eu reescrevi seções aqui várias vezes, e muitas vezes nas minhas críticas de outros livros de Searle, eu só vou dar alguns breves exemplos.

A frase no p129 "A realidade não depende da experiência, mas do contrário. O conceito de realidade em questão já implica a capacidade causal de produzir certos tipos de experiências. Assim, a razão pela qual essas experiências apresentam objetos vermelhos é que o próprio fato de ser um objeto vermelho implica uma capacidade de produzir esse tipo de experiência. Ser uma linha reta implica a capacidade de produzir esse outro tipo de experiência. O resultado é que os organismos não podem ter essas experiências sem parecer estar vendo um objeto vermelho ou uma linha reta, e que "olhar" marca a intencionalidade intrínseca da experiência perceptiva." Ele pode ser representado como "O S1 fornece entrada para S2 e a forma como usamos a palavra 'vermelho' exige seu COS em cada contexto, então usar essas palavras de uma maneira particular é o que significa ver vermelho. No caso normal, não 'parecemos' como vermelhos, só vemos vermelho e usamos 'olhares' para descrever os casos em que estamos em dúvida."

No p130 "Nossa pergunta agora é: Existe uma conexão essencial entre o caráter das coisas no mundo e o caráter de nossa experiência?" pode ser traduzida como "Nossos jogos de língua pública (S2) são úteis (consistentes) na descrição da percepção (S1)?"

O primeiro parágrafo da Seção X 'O Caminho De Volta' é talvez o mais importante do livro, pois é essencial que toda a filosofia entenda que não pode haver uma conexão precisa de 1:1 entre ou a redução de S2 para S1 devido às muitas maneiras de descrever um determinado evento na língua (estado mental, ou seja, percepção, memória, etc.). Daí a aparente impossibilidade de capturar comportamentos em algoritmos (a desesperança do 'IA') forte ou de extrapolar de um padrão neuronal dado no cérebro para os atos de massa (conjuntos de linguagem) que usamos para descrevê-lo. A 'Estrada Retrógrada' é a língua S2 (COS) usada para descrever o S1. Mais uma vez, acho que sua falha em usar a estrutura de dois sistemas torna isso bastante confuso, se não opaco. Claro, compartilhe esse fracasso com quase todos. Searle já comentou sobre isso antes e também outros (por exemplo, Hacker), mas ele parece ter escapado da maioria dos filósofos e quase todos os cientistas.

Mais uma vez, Searle perde o ponto na Seita XI e X12 – não "parecemos ver" vermelho ou "parece" ter uma memória

ou 'assumir' uma relação entre experiência e palavra, mas como com todas as percepções e memórias que constituem a inata apenas axiomática mental. Este sistema 1, só temos a experiência e "ele" só se torna 'vermelho', etc., quando descrito em linguagem pública com essa palavra neste contexto pelo sistema 2. Sabemos que é vermelho, uma vez que é uma dobradiça, um axioma de nossa psicologia que é nossa ação automática e é a base de suposições ou julgamentos ou presunções e não pode ser julgado, testado ou alterado inteligível. Como W apontou tantas vezes, um erro no S1 é de um tipo completamente diferente do que um em S2. Não há explicações possíveis, só podemos descrever como funciona e, portanto, não há possibilidade de obter uma "explicação" não trivial de nossa psicologia. Como sempre fez, Searle comete o erro comum e fatal de pensar que entende o comportamento (linguagem) melhor do que Wittgenstein. Depois de uma década lendo W, S e muitos outros, acho que os "exemplos perspicuosos" de W, aforismos e diálogos trilógicos muitas vezes proporcionam maior iluminação do que as disquisições da palavra de qualquer outra pessoa.

"Não podemos avançar em qualquer tipo de teoria, não deve haver nada hipotético em nossas considerações. Devemos fazer tudo o que explicamos, e só a descrição deve tomar seu lugar." (PI 109).

"A filosofia simplesmente coloca tudo diante de nós, e nem explica nem deduz nada." (PI 126) "Na filosofia não tiramos conclusões" (PI 599)

"Se alguém tentasse avançar a tese na filosofia, não seria possível debater, porque todos concordariam com eles" (PI 128)

No p135, uma maneira de descrever a percepção é que o evento ou objeto causa um padrão de ativação neural (estado mental) cujo COS1 auto-reflexivo é que vemos uma rosa vermelha na nossa frente, e em contextos apropriados para uma pessoa normal de língua inglesa, isso nos leva a ativar as contrações musculares produzidas pelas palavras "Vejo uma rosa vermelha" cujo COS2 é que há uma rosa vermelha lá. Ou simplesmente, o S1 produz S2 em contextos apropriados. Assim, no p136 podemos dizer que o S1 leva ao S2 que expressamos neste contexto pela palavra 'suave' que descreve (mas nunca 'explica') como funciona o jogo linguístico 'suave' nesse contexto e podemos traduzir "Para ações básicas e percepções básicas o conteúdo intencional está internamente relacionado às condições de satisfação, embora seja caracterizado involuntariamente, pois ser o recurso percebido F consiste na capacidade de causar tais experiências. E no caso da ação, tais experiências consistem em sua capacidade de causar esse tipo de movimento corporal." como "Percepções básicas (S1) podem automaticamente levar (internamente) a ações de reflexo básico (A1) (ou seja, queimar um dedo leva à remoção do braço) que só então entra na consciência para que possa ser refletida e descrita na linguagem (S2).

No p150, a questão é que o inferir, como saber, julgar, pensar, é uma disposição S2 expressa em linguagem com COS público segundo a qual são informativas (verdadeiras ou falsas) enquanto as percepções não são informativas (veja minha revisão do livro de Hutto e Myin) respostas automatizadas do S1 e não há uma maneira significativa de jogar um jogo de idiomas para inferir no S1. As árvores e tudo o que vemos é S1 por algumas centenas de milissegundos ou mais e, em seguida, normalmente entram S2 onde a linguagem é anexada (forma aspecto ou ver como).

Quanto ao p151 et seq., é triste que S, como parte de sua desatenção ao w posterior, nunca parece se referir ao que é provavelmente a análise mais penetrante das palavras coloridas em "Comentários de Cor", que está faltando em quase todas as discussões sobre o assunto que eu vi. O único problema é como jogamos o jogo com palavras coloridas e com 'mesmo', 'diferente', 'experiência' ('mesmo', 'diferente', 'experiência') etc. neste contexto linguístico público (declarações verdadeiras ou falsas — COS2) porque não há linguagem ou significado em um privado (S1). Portanto, não importa o que acontece nos estados mentais de S1, mas apenas o que dizemos sobre eles quando eles entram em

S2. É claro como o dia em que todos os 7,6 bilhões na Terra têm um padrão ligeiramente diferente de ativação neural cada vez que vêem vermelho e que não há possibilidade de uma correlação perfeita entre S1 e S2. Como notei acima, é absolutamente fundamental para todos os filósofos e cientistas esclarecer isso.

Quanto ao cérebro em um tanque (p157), na medida em que interrompemos ou eliminamos as relações normais de S1 e S2, perdemos jogos de linguagem intencional. O mesmo se aplica a máquinas inteligentes e W descreveu esta situação definitivamente há mais de 80 anos.

"Somente a partir de um ser vivo e do que se assemelha (comporta como) um ser humano vivo pode ser dito: ele tem sensações; Vá, mas eu não posso. Ele é cego; ouvir; ele é surdo; é consciente ou inconsciente. (PI 281)

É um sinal do gênio único de Wittgenstein que, embora eu tenha passado muitos anos lendo os melhores filósofos e psicólogos do nosso tempo, eu sempre tenho que resistir à vontade de jogar o livro para baixo e voltar para o mestre, e quando eu chegar a uma citação dele é semelhante chegando para um copo de água fria enquanto ele caminha pelo deserto.

Capítulo 6: Sim, o disjuntivo (como quase todas as teses filosóficas) é incoerente e o fato de que este e outros absurdos florescem em seu próprio departamento e até mesmo entre alguns de seus ex-alunos que obtiveram as melhores notas em suas aulas de Filosofia da Mente mostra talvez que, como a maioria, ele parou muito cedo em seus estudos Wittgenstein. Além disso, todos começamos com o uso padrão da linguagem que está cheio de confusão ou como W gosta de dizer que não é "perspicuoso".

No p188, sim verídico ver e 'saber' (ou seja, K1) são os mesmos, uma vez que S1 só é verdade, ou seja, é o rápido, axiomático, causalmente auto-reflexivo, estados mentais automáticos que só podem ser descritos com jogos lentos e deliberativos de língua pública de S2.

No p204-5 somos lembrados de que a primeira e talvez melhor refutação da mente como máquina foi dada por W nos anos 30. A representação está sempre um aspecto porque, como pensar, conhecer, etc., é uma provisão de S2 com COS público, que é infinitamente variável.

Mais uma vez, acredito que o uso do quadro de dois sistemas simplifica muito a discussão. Se alguém insiste em usar "representação" para "apresentações" S1, então deve-se dizer que o R1 possui COS1 que são estados mentais neurofisiológicos transitórios, e, portanto, totalmente diferente do R2, que possuem COS2 (formas aspectual) que são público, linguisticamente afirma de coisas expressivas, e a noção de estados mentais inconscientes é ilegítima, uma vez que tais jogos linguísticos não têm qualquer significado claro.

Discussões sobre visão cega (p209), como as de cérebros divididos (commissurotomia) e muito mais na ciência cognitiva são tipicamente inconsistentes devido ao fato de que os fenômenos são novos e os jogos de linguagem usuais não são aplicados de forma clara e consistente. Bennett e Hacker, entre outros, dão excelentes discussões sobre isso. Infelizmente, no p211 Searle pela décima vez em seus escritos (e infinitamente em suas palestras) diz que o "livre vontade" pode ser ilusório, mas como W dos anos 30 em nota, não se pode negar consistentemente ou julgar as 'dobradiças' como nossa escolha, nem que vemos, escutamos, dormem, têm mãos, etc., uma vez que essas palavras expressam os verdadeiros axiomas de nossa psicologia, nossos comportamentos automáticos que são a base da ação.

Os famosos experimentos de Libet foram desacreditados de várias maneiras por filósofos e outros experimentos.

No p214 os reflexos mencionados são as ações conscientes previamente deliberativas da S2 que se tornaram automatizadas e fazem parte do S1 que chamo de S2A (automatizada) como distintas do S2D ou aquelas que permanecem deliberativas e conscientes.

No final p219 e 222 acima, foi W em seu trabalho, culminando em 'Com certeza' que observou que o comportamento não pode ter uma base probatório e que sua base é nossa certeza animal ou maneira de se comportar que é uma base de dúvida e certeza e não pode ser fracasso (as dobradiças s1). Ele também observou muitas vezes que um "erro" em nossas percepções básicas (S1) que não tem COS público e não pode ser comprovado (ao contrário dos de S2), se for importante ou persistir, não leva a mais julgamentos, mas à loucura.

A Seção II do P222 nos traz de volta à declaração final sobre esta edição fundadora abordada por W em 'On Certainty'. Searle faz mais comentários no dia 5 de suas palestras gravadas em áudio sobre a Filosofia da Sociedade (ver youtube).

Fenomenalismo topo de p227: Veja meus extensos comentários sobre o excelente ensaio de Searle 'A Ilusão Fenomenológica' na minha revisão de 'Filosofia em um Novo Século'. Não há sequer qualquer ordem para se referir às experiências privadas como "fenômenos", "ver" ou qualquer outra coisa. Como W nos mostrou famosamente, a linguagem só pode ser uma atividade pública verificável (sem uma língua privada). E no p230 o problema não é que a "teoria" "parece" é inadequada, mas que (como a maioria, se não todas as teorias filosóficas) é incoerente. Ele usa uma linguagem que não tem COS claro. Como W insistiu, tudo o que podemos fazer é descrever, são os cientistas que podem fazer teorias.

P233. As qualidades primárias mais básicas ou axiomas de nossa psicologia são tempo, espaço, evento, objeto, etc., que seguindo W, podemos chamar de dobradiças básicas, mas não parece claro como distingui-las de cor, forma, tamanho, etc. Veja os excelentes documentos recentes e livros dms sobre isso.

A questão é que este é o clássico Searle, excelente e provavelmente pelo menos tão bom quanto qualquer um pode produzir, mas sem compreensão das ideias fundamentais do Wittgenstein posterior, e sem entender os dois sistemas-quadro de pensamento, o que poderia tê-lo tornado brilhante.